

ISSN - 2175-6600

Vol.17 | Número 39 | 2025

Submetido em: 29/11/2025

Aceito em: 02/12/2025

Publicado em: 05/12/2025

Literatura e Afroletramento na construção da identidade étnico-racial de crianças

Literature and Afro-literacy in the construction of children's ethnic-racial identity

Literatura y afroalfabetización en la construcción de la identidad étnico-racial infantil

Francisca Duane Leandro de Oliveira¹
Alexandre Santiago da Costa²



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe20328>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir como o Afroletramento pode contribuir significativamente para a formação da identidade étnico-racial das crianças a partir de propostas vivências/experiências que visam o desenvolvimento do protagonismo infantil, do empoderamento e de práticas de enfrentamento ao racismo. A metodologia da presente pesquisa é qualitativa do tipo participante. Por meio da literatura infantil numa perspectiva do Afroletramento, as narrativas orais e escritas podem ser usadas como referências para ajudar as crianças a se sentirem valorizadas e representadas no meio em que vivem, já que nem sempre foi assim. Por muitos anos, as visões eurocêntricas fizeram com que apenas parte da população fosse representada e privilegiada em livros infantis. Como resultados entendemos a literatura especialmente na perspectiva do Afroletramento uma porta de entrada para uma educação antirracista que promova uma discussão baseada em reflexões e diálogos que contribuem para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Afroletramento. Educação Antirracista.

Abstract: This article aims to discuss how Afroletramento can significantly contribute to the formation of children's ethnic-racial identity based on proposed experiences that aim to develop children's protagonism, empowerment and practices for confronting racism. The methodology of this research is qualitative and participant-type. Through children's literature from an Afroliteracy perspective, oral and written narratives can be used as references to help children feel valued and represented in the environment in which they live, as this was not always the case. For many years, Eurocentric views meant that only part of the population was represented and privileged in children's books. As results, we understand literature, especially from the perspective of Afroliteracy, as a gateway to anti-racist education that promotes a discussion based on reflections and dialogues that contribute to the construction of a more just, democratic and inclusive society.

Keywords: Children's Literature. Afroliteracy. Anti-racist Education.

¹ Universidade Estadual do Ceará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5421613723098434> Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-7828-8848> Contato: franciscaduaneleandro@gmail.com

² Universidade Federal do Ceará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1156762336622114> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3484-9574> Contato: santiagoalexandre@yahoo.com.br

Resumen: Este artículo busca discutir cómo la afroalfabetización puede contribuir significativamente a la formación de la identidad étnico-racial infantil a través de experiencias propuestas que buscan desarrollar el protagonismo, el empoderamiento y las prácticas infantiles para enfrentar el racismo. La metodología de esta investigación es cualitativa y participativa. A través de la literatura infantil desde una perspectiva afroalfabetizada, las narrativas orales y escritas pueden usarse como referencias para ayudar a los niños a sentirse valorados y representados en su entorno, ya que esto no siempre ha sido así. Durante muchos años, las visiones eurocéntricas significaron que solo una parte de la población estaba representada y privilegiada en los libros infantiles. Como resultado, entendemos la literatura, especialmente desde una perspectiva afroalfabetizada, como una puerta de entrada a una educación antirracista que promueve la discusión basada en reflexiones y diálogos que contribuyen a la construcción de una sociedad más justa, democrática e inclusiva.

Palabras clave: Literatura Infantil. Afroalfabetización. Educación Antirracista.

1 INTRODUÇÃO

Percebemos na literatura infantil, especialmente na perspectiva do Afroletramento, uma porta de entrada para uma discussão que promova a reflexão e o diálogo que contribuirão para o fortalecimento de um ambiente acolhedor e inclusivo. O letramento racial parte do pressuposto que devemos ter do entendimento das diferenças, compreendendo que cada ser humano é singular dentro da diversidade. Identificar raça e identidade como parte do sujeito são essências para a promoção de atitudes que combatam o preconceito e a discriminação, principalmente os que são provenientes do ambiente escolar.

Diante de um cenário educacional repleto de transformações e desafios é cada vez necessário realizar mediações e vivências que possibilitem às crianças se reconhecerem como sujeitos ativos e participantes diante da diversidade que existe na sociedade em que vivemos. O racismo é uma prática que silencia, que cala, amedronta, e se não for desmascarado, teremos sérios problemas, que perpassam gerações e atravessam vidas. A escola pode e deve ser um espaço de diversidade e inclusão, possibilitando o contato com as diferenças, a reflexão e o reconhecimento de si e de sua identidade. Diante da observação da realidade, das histórias de vida dos autores negros, os desafios da escolarização e de experiências profissionais, este artigo busca apresentar a relevância deste tema para educadores e estudantes que buscam formar sujeitos críticos, reflexivos e multiplicadores antirracistas na sociedade. Sendo assim, surgiu a vontade de buscar responder as seguintes questões: Como o Afroletramento pode ajudar a construir a identidade étnico-racial das crianças? Como as crianças podem ser protagonistas e empoderadas diante das adversidades que encontram numa sociedade racista?



Para responder tais questões analisamos a literatura infantil como uma das possibilidades de prática pedagógica que possibilita o contato com outras culturas, histórias e identidades. Tais características contribuem para a formação do repertório cultural, reconhecimento de si e do mundo destes educandos, ajudando-os a construir e fortalecer a autonomia, alteridade e afirmação a alguém ou um grupo, sendo capaz de ter liberdade para fazer as suas próprias escolhas. Através do Afroletramento, tais ações se tornam mais próximas do mundo infantil, propondo estratégias e formas de atravessar, tocar o ser humano para as questões identitárias e multiétnicas, essenciais para estabelecer um diálogo respeitoso e rico em experiências formativas e identitárias.

Portanto, o objetivo deste artigo é analisar como o Afroletramento, a partir da literatura infantil, pode contribuir para a formação da identidade étnico-racial das crianças e fortalecer as ações pedagógicas na construção de um currículo multirreferencial e antirracista.

2 METODOLOGIA

A pesquisa visou conhecer a importância e as contribuições do Afroletramento na formação da identidade étnico-racial dos estudantes da rede pública de Fortaleza. A pergunta central desta pesquisa envolve entender como o Afroletramento pode ajudar a construir a identidade étnico-racial das crianças. A temática chama atenção de sua relevância atual dentro de um cenário educacional dinâmico, acolhedor e inclusivo.

O tipo de pesquisa possui uma abordagem qualitativa do tipo participante, sendo a pesquisa qualitativa compreendida de acordo com Minayo (1994, p.22) como “[...] o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos”.

O primeiro passo foi realizar um levantamento bibliográfico para fundamentar a pesquisa, evitando a repetição de trabalhos e contribuir para o enriquecimento do trabalho científico. Em paralelo ao levantamento bibliográfico, a análise e observação de atividades e diálogos realizados em sala de aula com o intuito de compreender como as mesmas podem contribuir para a formação da identidade étnico-racial das crianças de 6 anos.

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede Municipal de Fortaleza com duas turmas de 1º Ano, a qual estavam professores regentes (PRA) - Professor Regente de Maior Carga Horária. As vivências de Afroletramento foram desenvolvidas nas duas turmas, compostas por 39 estudantes, sendo 26 meninas e 13 meninos. Foi realizada a observação participante, que para Chizzotti (2000, p. 92), tendo por objetivo o “contato



direto do pesquisador com o fenômeno pesquisado, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e seus pontos de vista". Um dos objetivos era observar as contribuições dessas ações na formação da identidade dos educandos, empoderamento e do combate ao racismo. Para tanto, optamos por uma análise reflexiva e crítica da descrição de sequências didáticas que iremos apresentar e analisar. Escolhemos algumas ações apenas pela limitação de escrita de um artigo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Nomear e identificar o racismo são ações fundamentais para combatê-lo. Ter consciência nefasta deste problema é crucial, porque o racismo está presente em escolas, restaurantes, campos de futebol, enfim, em todos os lugares. Não devemos nos calar, pois esse problema afeta diariamente a população negra. Licál (2024) defende que, "não deixemos que o racismo atinja nenhuma criança. As crianças negras precisam que suas infâncias sejam preservadas e acolhidas nas suas singularidades".

O racismo assola a vida de todas as pessoas negras. Esse fenômeno perverso, estrutural e estruturante, faz-se presente desde o passado colonial e escravocrata brasileiro até os tempos de hoje, marcados pelo capitalismo monopolista, neoliberalismo, empobrecimento, ataques à democracia, aos direitos, às ciências e à educação, vindos de governos autoritários e do acirramento das desigualdades de toda ordem. (p.15)

Para Kabengele Munanga (1996), "o racismo atribui a inferioridade a uma raça e está baseado em relações de poder, legitimadas pela cultura dominante". Ou seja, o racismo fere, ataca e silencia pelo viés cultural e econômico. Cabe às instituições desenvolverem ações e práticas antirracistas que construam uma cidadania plena para o negro, a escola tem um papel extremamente importante na formação e identidade da criança e do jovem.

Como diz Djamila Ribeiro (2019) em seu livro *Pequeno Manual Antirracista*, "O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direito, e não um simples ato da vontade de um indivíduo". O racismo tem caráter estrutural quando é parte da estrutura social, está enraizado na formação da nossa história e na história das classes sociais.

As pesquisas sobre as relações étnico-raciais questionam situações de racismo vivenciadas pelas crianças que muitas vezes ficam camufladas nas escolas pelo falso discurso de que existe democracia racial no Brasil. Para Abdias do Nascimento (1983):

A democracia racial constitui um instrumento de hegemonia branca brasileira que mascara um processo genocida, constituindo uma fachada despistadora que oculta e disfarça a realidade de um racismo tão violento e destrutivo quanto aquele dos Estados Unidos ou da África do Sul. (...) Não se resolvem problemas



utilizando-se o método de avestruz: o método de ignorar a realidade concreta metendo a cabeça na areia. (p. 28).

O mito da democracia racial descreve uma sociedade onde não há racismo e todas as pessoas são tratadas de forma igual e têm acesso aos mesmos direitos e oportunidades. Bento (2022) fala no pacto da branquitude no Brasil que não leva em consideração as interseccionalidades que reproduzem as desigualdades de classe, gênero, raça e idade da população negra. A ausência de um debate social condicionado a uma visão limitada do preconceito e a percepção do racismo por parte das crianças está ligada à estratégia da democracia racial brasileira, tão aclamada por parte da branquitude intelectual brasileira.

A identidade étnico-racial é outro tema polêmico quando falamos das relações raciais no Brasil, dado que o mito da democracia racial, a ênfase na miscigenação, o racismo e a hierarquização dos grupos a partir da cor da pele foram utilizados para desestimular a afirmação da identidade, sobretudo de grupos historicamente discriminados - negros e indígenas. No entanto, a produção de dados com recorte de raça/cor é primordial para identificar as desigualdades e criar políticas públicas que visam a mitigá-la. (Projeto Seta e o Instituto de Referência Negra Peregum – 2021).

Contudo, é necessário, desde cedo, que haja uma contínua articulação entre pesquisas, práticas pedagógicas e comunidades, no sentido de produzir conhecimento crítico acerca das infâncias negras e relações étnico-raciais contribuindo para a construção de uma identidade dos sujeitos diante da diversidade de classe, raça, gênero e orientação sexual.

Em meio a tantas mudanças, lutas e movimentos sociais, a Literatura infantil também sofreu e vem sofrendo modificações e mudando de acordo com o contexto e a realidade a qual estamos inseridos. A literatura e suas narrativas podem ser usadas como ferramenta de transformação e contribuir para a formação da identidade étnico-racial de nossas crianças. Nessa perspectiva, propor situações em sala de aula que favoreçam o contato da criança com o mundo da leitura e o contato com textos literários é um campo fértil e acolhedor.

Por meio da Literatura Infantil, o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana podem tornar-se prazerosos, proporcionando uma formação crítica sobre as questões étnico-raciais. Para Eliane Cavalleiro (2024), “crianças negras já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertencem”. Ou seja, a falta de representatividade em livros, jornais, revistas e nos mais variados meios de comunicação contribuem para o silenciamento desses grupos e o aumento de casos de discriminação e preconceito. Quantas princesas, rainhas, reis e príncipes negros você já



viu em uma história, seja em um livro ou em um filme ou série infantil? Não podemos desconsiderar o papel da mídia de forma geral e da televisão como formadora da identidade cultural das crianças e de manutenção do status quo.

Como profissionais de educação, temos uma responsabilidade com a educação dos estudantes que, nos dias atuais, por si só, já é um imenso desafio. Educar para a igualdade onde a diversidade se anuncia e denuncia sua exclusão, onde a multiculturalidade, à interculturalidade passa a ter um novo sentido e valor de positividade, onde grupos históricos e socialmente excluídos da cidadania plena, exigem visibilidade e reconhecimento, numa escola ideologicamente eurocêntrica, bancária, contraditória, plural (Lei 10.639/03, p.24.).

Durante muitas décadas, negros e negras foram retratados nas histórias infantis como figuras ingênuas, escravos servis, desempregados, sempre de forma negativa. Esses estereótipos são transmitidos tanto por meio da linguagem verbal e não verbal, quanto através das ilustrações dos livros. O preconceito racial, portanto, aparece na literatura infantil, muitas vezes, de maneira camouflada, mas que nem por isso, deixa de contribuir para a formação de identidades de negros e não negros.

Hall (2002) aborda três concepções sobre identidade: sujeito visto de modo individualista, sujeito sociológico e sujeito pós moderno ou da modernidade tardia. No Iluminismo, a pessoa humana era tida totalmente centrada, unificada, dotado das capacidades de razão. O sujeito sociológico se formava a partir das interações entre o eu e a sociedade, as pessoas eram mediadoras de valores. E o sujeito pós-moderno, não tinha uma identidade fixa, essencial ou permanente. Portanto, nossas identidades constroem a partir de uma complexa interação com a sociedade e seus vários fatores simbólicos, culturais e subjetivação.

O Ministério da Educação (MEC/BRASIL) publicou um documento intitulado: *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* que, orienta e norteia o planejamento e ações que visam cumprir uma política educacional que valorize a diversidade étnico-racial, o mesmo aborda o conceito de identidade racial como:

No tocante à identidade racial ou étnica, o importante é perceber os seus processos de construção, que podem ser lentos ou rápidos e tendem a ser duradouros. É necessário estar atento aos elementos negativos, como os estereótipos e as situações de discriminação. Além disso, é necessário ater-se à vontade de reconhecimento das identidades étnicas, raciais e de gêneros dos indivíduos e grupos. Também é preciso compreender que, no mundo contemporâneo, os indivíduos constroem e portam várias identidades, sociais, étnicas e raciais, de faixa etária, gênero e orientação sexual e outros(2023, p.21).

Isso evidencia que cada vez mais os estudos e documentos norteadores acerca da temática racial, valorizam atualmente um sujeito cuja identidade deve ser respeitada



dentro de suas singularidades. Diante disso, estar atento às situações de discriminação é uma ponte para o respeito e valorização das diferentes identidades que um sujeito venha a portar.

Foi nessa busca de compreender a identidade e de se encontrar enquanto grupo rico em cultura, diversidade, ancestralidade e memória, que a Literatura Infantil sofreu uma revolução por parte de escritores(as) negros(as) que buscavam encontrar seus “lugares de fala”, como afirma Djamila Ribeiro, no seu livro Pequeno Manual Antirracista. Diante de uma sociedade injusta e que se baseava na primazia da cultura ocidental, tais problemáticas foram denunciadas através dos movimentos negros brasileiros, principalmente nos anos de 1970 e que na contemporaneidade consolidam uma importante luta antirracista, conquistando espaço na mídia, na produção de bens simbólicos e artísticos com representatividade negra e também nas leis brasileiras, como a Lei 7.716/1989 que define crimes resultantes de preconceito de raça ou cor. Racismo.

O Afroletramento pode ser utilizado em sala de aula como uma ferramenta pedagógica que valoriza os sentimentos de pertencimento para as crianças negras, brancas e mestiças acerca dos seus antepassados, resgatando práticas, saberes, experiências, visões de mundo e que vão gerando uma valorização da cultura negra. É importante que saibamos que somos frutos dessa mistura racial. O Afroletramento também vai muito além de uma importante ferramenta pedagógica, é um instrumento de empoderamento para a população negra como afirma Nascimento (2010):

Compreende-se o Afroletramento como um lugar de agenciamento de poder capaz de, além de promover a diversidade, promover o letramento numa perspectiva afrocentrada. Esta diz respeito ao descentramento do etnocentrismo que construiu, impôs e perpetuou modelos e essencialismos (p. 04)

A prática pedagógica alinhada ao Afroletramento traz obras com temáticas afrocentradas e títulos infantis que abordam as relações étnicos-raciais, a fim de que as crianças possam se reconhecerem nos livros e nas histórias. Segundo Ramos (2022):

Ao utilizar em sala de aula obras literárias de autores afro-brasileiros, por meio da contação de histórias e oficinas, estamos permitindo ao educando vivenciar as africanidades dentro do seu cotidiano, a fim de que ele perceba a realidade a sua volta a partir de uma nova perspectiva, posto que o meio literário propicia a apreensão de realidades que até então não existiam para ele, facilitando a construção de uma educação mais crítico-reflexiva e, consequentemente, não preconceituosa, isso se chama Afroletrar (p. 60).

A Lei federal nº 10.639/2003 trouxe urgência em apresentar a contribuição negra para a construção da sociedade brasileira e valorização do povo negro, sua história, memória e legado. Instigou a importância da representatividade negra nos livros infantis.



Antes era difícil encontrar histórias com ênfase em personagens negros, abordando a temática afro-brasileira, africana e negra para a infância e juventude, havia uma deficiência na circulação dessas obras literárias.

Pessoas negras precisam estar dentro das narrativas de livros para crianças, deve ser um processo normal e que não cause espanto, de maneira natural, sem susto ou sendo representadas com desrespeito ou anedota tipificada. É uma aprendizagem coletiva e necessária, que deixa de lado uma base eurocêntrica, para partir de uma apreciação que contemple a diversidade racial. Ler junto e com as crianças autores renomados como: Conceição Evaristo, Rodrigo França, Emicida, Bárbara Karine, Bell Hollks, Otávio Júnior, Patrícia Adjokê, Sonia Rosa e tantos outros, contribuem para a ampliação da diversidade cultural que temos, e é uma celebração multiétnica.

Tais propostas permitem uma ampliação cultural não só para as crianças negras, como não negras, a fim de propor situações de reconhecimento, pertencimento e valorização das populações negras. Além do mais, essas crianças que sofrem desde cedo com a discriminação e o preconceito poderão ter contato com a existência das diferenças étnicas, resultando na relação com os demais cidadãos, fazendo-as compreenderem o respeito como peça fundante deste processo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

BAÚ DE LEITURAS: AFROLETRAMENTO, PRESENTE!

Diante de uma atividade proposta em sala de aula sobre a temática: *Quem sou eu? Respeitando as diferenças*, realizada com os alunos do 1º ano durante o ano letivo de 2025, cujas habilidades descritas pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular) de Ciências era *comparar características físicas entre os colegas, reconhecendo a diversidade e a importância da valorização, do acolhimento e do respeito às diferenças*, tal atividade proporcionou um olhar crítico e reflexivo relacionado à forma como as crianças se reconheciam diante das adversidades.

A proposta didática apresentada no PNLD de Ciências do aluno sugere a leitura do poema: *As mil cores*, de Cristina Von, com a identificação das características físicas (formato dos cabelos, cor dos olhos, tons de pele) dos personagens em comparação com as diversas cores presentes em nosso cotidiano, elementos da natureza e os diferentes tons de peles. Como ampliação da atividade proposta, solicitei que as crianças fizessem



desenhos representando a si mesmo, e que, ao final, os desenhos fariam parte do mural de sala.

Para minha surpresa, percebemos a forma como as crianças se representavam nos desenhos, usavam cores, traços e formas que não ressaltam sua própria beleza e características físicas, principalmente as crianças negras. Elas usavam outros tons de pele para colorir o próprio corpo traçado no desenho. As falas, os desenhos e as formas de expressão das crianças começaram a chamar nossa atenção. Tal percepção e inquietação partiram dos estudos realizados sobre as temáticas: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil abordados no livro de Eliane Cavalleiro (2024), *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*.

Comecei então a fazer as seguintes indagações: Será que elas se sentem representadas e se reconhecem diante da diversidade? Se sentem à vontade e empoderadas ao usar o tom de pele valorizando suas características físicas e qualidades? Como proporcionar situações didáticas que pudessem contribuir para a formação da identidade étnico-racial das crianças? Diante de tais questionamentos, surgiu a necessidade de levar para sala de aula, vivências literárias de Afroletramento que pudessem abrir discussão para uma educação antirracista.

Foi então que nasceu o Projeto Baú de Leituras: Afroletramento, presente! Além disso, o uso do Baú entraria como elemento lúdico, proporcionando a imaginação e criatividade de todos que estivessem envolvidos neste projeto. O mesmo partiu da necessidade de apresentar vivências literárias que pudessem privilegiar o protagonismo negro, a fruição e incentivo ao letramento literário numa perspectiva de Afroletramento, transformando o ato de ler em um momento espontâneo, dialógico e afetivo num instrumento de deleite, reconhecimento, empoderamento e encantamento.

Incentivar a leitura e o contato com os livros, tornando a leitura um ato prazeroso para as crianças, principalmente, as que estão em processo de alfabetização, também foram objetivos cruciais para o desenvolvimento deste projeto. Além disso, procuramos possibilitar a integração dos pais com os filhos por meio do ato de ler juntos, para que se tornasse um hábito familiar. Para Soares (2023):

A leitura é uma atividade que leva a criança a familiarizar-se com a materialidade do texto escrito: conhecer o objeto livro, ou revista, descobrir as marcas na página - sequência de letras - escondem significados, que textos é que são “para ler”, não ilustrações, que as páginas são folheadas da direita para a esquerda, que os textos são lidos da esquerda para a direita e de cima para baixo, que livros têm autor, ilustrador, editor, têm capa, lombada (p.143).



Para que a criança sinta-se familiarizada com os livros, manipulando-os com curiosidade e atenção, os adultos envolvidos neste processo precisam proporcionar momentos em que as crianças tenham contato com a leitura e a literatura, lembrando que essa literatura deverá ter um viés estético, a fim de proporcionar ao leitor a capacidade de sonhar e imaginar, além de que os estudantes também irão adquirindo habilidades e competências leitoras.

As crianças foram protagonistas do seu processo de desenvolvimento, expressando opiniões, participando de decisões e assumindo responsabilidades. Elas não apenas receberam informações, mas construíram conhecimento e interagiram com o mundo ao seu redor. De acordo com as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*, devemos considerar a criança como:

[...] protagonista é compreendê-la como um ser humano competente, dotado de potencialidades, crítico, que tem ideias, elabora as suas teorias sobre o mundo ao seu redor, confronta a realidade e se expressa através de múltiplas linguagens. Um “sujeito histórico de direitos, que nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva [...]” (BRASIL, 2010, p.12).

As vivências literárias desenvolvidas neste projeto contaram com a leitura e contação de três histórias afrocentradas: *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França, *A pele que tenho*, de bell hook e *a verdadeira história da boneca Abayomi*, de Lena Martins. As leituras propostas durante as vivências buscaram fomentar a leitura prazerosa, o afroletramento e a apreciação da arte literária.

Sendo assim, um Báu (feito de papelão) foi construído como objeto que estimularia a curiosidade nas crianças, bem como, suporte para aguçar a imaginação e levar o que tinha de mais valioso, os livros. Os livros literários de Afroletramento foram selecionados de acordo com a faixa etária. Tapetes, almofadas, flip chart, fita gomada, canetinhas, lápis de cor, folhas de papel ofício e etc, foram utilizados para dar suporte a esse momento de encantamentos e descobertas.

Uma roda de conversa foi realizada com as crianças para apresentação do Baú, onde as mesmas puderam expor de forma oral o que poderiam encontrar dentro dele, as justificativas foram as mais variadas: tesouros, bonecas, carrinhos, animais e etc., foi um momento de suspense, carregado de muita imaginação e criatividade. As crianças registraram suas hipóteses em forma do gênero textual lista, ao qual foi exposta em sala de aula.

Em seguida, foi apresentado o objeto que estaria ali, guardado, aguardando o momento para que todos o conhecessem, e então, um livro foi retirado! As crianças me surpreenderam demonstrando curiosidade e atenção para conhecer a história que ali



estava sendo apresentada, e para a surpresa de todos, era uma nova história, com novos personagens, e assim, todos ficaram atentos para o que viriam a ouvir. Segundo Soares (2023), “é necessário que o objeto portador da história seja analisado com as crianças e sejam desenvolvidas estratégias de leitura”.

Um evento foi planejado. As famílias foram convidadas para participar das ações de leituras juntamente com suas crianças, tudo ocorreu em sala de aula. Os convites foram anexados nas agendas dos alunos e enviados também por meio de *Watshapp*. As crianças contavam ansiosas os dias que faltavam para a realização do evento.

No dia combinado com as famílias para realização da proposta, as crianças estavam animadas. A sala de aula foi organizada por elas, ficando mais aconchegante e acolhedora. Baú, tapetes, almofadas, livros, foram os elementos encantadores para esta vivência, mas o que chamou mais atenção foi o contato das famílias com as crianças, e o valor que elas deram a esse momento. Para as famílias que não puderam participar, pequenos grupos foram feitos com a mediação de um adulto para que todas as crianças fossem contempladas, e não se sentissem desprestigiadas.

Os livros expostos foram escritos por autores negros e tinham personagens negros com protagonismo positivo em forma de representatividade. Os mesmos foram escolhidos de acordo com a faixa etária e disponíveis para a leitura deleite dos mesmos. O encantamento e a descoberta por uma nova história e a presença das famílias, foram essenciais para despertar o gosto pela leitura. Avós, pais, mães, tios e tias, todos envolvidos num só propósito, ler por prazer!

Para finalizar, convidei todos para que sentassem em uma roda de leitura e realizei a apresentação do livro: *A pele que eu tenho*, de bell hooks para as famílias e crianças. Contei que o livro tinha sido escrito por uma autora negra norte-americana, que havia falecido em 2021 e tinha uma grande trajetória acadêmica e apresentava uma visão de mundo empática e de resistência. Defendia e participava de movimentos antirracistas e feministas. Falei também que o nome da escritora era escrito com letras minúsculas, pois foi uma forma que ela encontrou de evidenciar a importância de seus escritos.

A contação da história favoreceu um momento de reflexão entre crianças e adultos. As imagens proporcionam um encantamento e proximidade com características físicas (tons de pele, formato do nariz, tipos de cabelo) enaltecidas na história, além do colorido e traços artísticos que são marcantes da nossa cultura.

Durante a realização da leitura da história, a parte que chamou atenção das crianças foi:



“A pele que eu tenho é só uma camada. Se quer mesmo me conhecer, precisa chegar perto, de coração bem aberto”. Algumas crianças se olharam e estavam bem pensativas. Os olhos brilhavam a cada página lida e uma pausa na leitura ocorreu. Uma das crianças, falou calorosamente:

- “Temos que respeitar uns aos outros! Não devemos discriminar uma pessoa pela cor de sua pele”.

- “Racismo é feio”! Exclamou outra criança.

- “Outro dia, vi que uma pessoa negra tinha sido chamada de “macaca”, aquilo me deixou triste”, ressaltou outra criança.

As falas explicitadas nesta roda de leitura, só reafirmam que as crianças percebem as diferenças entre si e relacionam o racismo e a discriminação como pontos negativos e ruins que acometem na nossa sociedade. Atitudes de racismo são descritas corriqueiramente, pois estão relacionadas à problemas enfrentados por elas ou por alguém mais próximo. Elas demonstram empatia com a dor do outro. Nessa perspectiva, o papel da escola é segundo o MEC/Brasil (2009):

[...] providenciar meios para inserir temas relevantes da história da resistência do povo negro. Nessa perspectiva deve ter como base o diálogo, o principal instrumento como prática de liberdade. Esse diálogo começa na busca do conteúdo programático em que deverão ser privilegiados temas significativos para a compreensão da História da África e da situação do negro no Brasil. Ao abordar diferentes assuntos os professores estão contribuindo para eliminação de preconceitos e discriminação propiciando aos alunos negros oportunidades de se fortalecerem no direito de serem mais valorizados e culturalmente respeitados. Só assim, será possível transformar a escola em um espaço democrático onde o aluno possa ter oportunidade de ver a sua história e a sua imagem refletida positivamente.
(p.54)

Ao propor projetos com vivências que abordem preconceito e discriminação racial por meio do Afroletramento, a escola se coloca como mediadora diante da forma de refletir sobre a interação social e seus valores, permitindo que as crianças convivam com as diferenças e compreendam as relações raciais, sensibilizando-os diante de uma condição desumana e de submissão atual dos excluídos da sociedade, promovendo a inserção social igualitária.

Tal análise está imbuída na próxima fala, onde, outra criança fez relação com a história do Pequeno Príncipe Preto afirmando:

- “Vamos explicar para as pessoas o que é Ubuntu e assim, todas irão aprender: Eu sou porque nós somos! Ubuntu! O pequeno príncipe nos ensinou que podemos plantar atitudes positivas praticando o bem e ensinando a todos o que é viver em harmonia”.



Os pais ali presentes concordaram com as falas das crianças, afirmando que sim, todos merecem respeito e empatia, independentemente da cor de pele. Percebi e senti que, crianças e adultos estavam imersos no enredo da história e que foram tocados de alguma forma, através das ilustrações, vivências e comparações feitas pela autora com sentimentos que temos com relação ao outro. Ao finalizar, pedi que cada um dissesse uma palavra que definisse a história. Palavras como: amor, respeito, amizade, empatia, justiça, união, foram ditas como forma de dar significado ao Ubuntu, Eu sou porque nós somos!

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As propostas do projeto foram realizadas com o intuito de levar para as crianças vivências literárias de Afroletramento, estimulando falas significativas que contribuíram para a construção de práticas antirracistas. Em todas as vivências, as crianças evidenciaram a prática do racismo como algo ruim, um crime e passível de indignação.

Durante as situações de diálogos estabelecidos nas rodas de leituras, elas não foram silenciadas, e sim, ouvidas, acolhidas, abraçadas diante de algo que estivesse constrangido ou até mesmo lhe causasse incômodo. Todos tiveram seu “lugar de fala” acolhido e respeitado.

A presença da família na sala de aula foi de grande importância para realização das atividades propostas, pois as mesmas incentivaram as crianças dando valor às produções, falas e momentos de escuta. Além de que, estabelecer uma relação estreita com as famílias possibilitou o diálogo e a construção de caminhos para que a criança se desenvolva em sua plenitude.

Os livros escolhidos para realização das vivências literárias chamaram atenção das crianças através das imagens, cores e desenhos utilizados, pois estabeleceram um elo de identidade, reconhecimento e pertencimento diante da diversidade. A construção identitária da criança perpassa pelos referenciais vivenciados e experimentados por ela.

Sendo assim, podemos afirmar que, por meio do Afroletramento, da apresentação de autores negros e do protagonismo negro das histórias lidas, foi possível perceber que as crianças se sentiram representadas, principalmente quando se pareciam com os personagens das histórias. Ao serem motivados a utilizarem desenhos como forma de representação da história, passaram a usar os tons de peles correspondentes aos personagens do enredo lido, os representavam com desenhos e pinturas, ressaltando suas belezas.



E por fim, foi perceptível a mudança na forma como as crianças se representavam nos desenhos, pois já conseguiam escolher e perceber a variedade de cores tons de pele, e escolher livremente a cor que se aproximava da sua, sem lhe causar desconforto, vergonha ou constrangimento, pois foi a partir de um diálogo aberto e acolhedor que as crianças tiveram a oportunidade de falar e expor seus sentimentos acerca das diferenças.

O trabalho em questão traz muitas contribuições na vida profissional dos educadores e principalmente na vida dos alunos. Um estudo deste porte proporciona o conhecimento dos desafios e dificuldades encontradas pelos educadores no cotidiano escolar, bem como as dificuldades dos alunos, protagonistas do seu processo de ensino-aprendizagem.

Contudo, concluímos falando que a realidade da educação pública é desafiante, para educadores que buscam apresentar novas práticas e metodologias inclusivas e democráticas, a fim de atualizar o currículo educacional com ações voltadas para a relações étnico-raciais no âmbito escolar. Estudos assim, exprimem o que há de mais relevante e urgente na nossa sociedade, tratar das questões étnico-raciais como uma urgência e não podemos deixar de lado, já perdemos muito tempo. Portanto, podemos considerar esse tema fundamental para a formação e prática pedagógica e que contribui para futuros estudos sobre Afroletramento, ampliando assim, a visão dos que dele se apropriam.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. **Pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

BRASIL. **Plano nacional das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: Secad/Sepipir, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2010.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil – 6^a ed., 12^a reimpressão.** – São Paulo: Contexto, 2024.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 164p. (Biblioteca da Educação. Série 1, Escola, v. 16). ISBN 85-249-0444-5.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto /** Rodrigo França; ilustração Juliana Barbosa Pereira. – 1^a. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.



HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 7^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LICÁL, Márcia (org.). **Infâncias e leituras-presenças negras e indígenas na literatura infantil.** São Paulo. Editora Pulo do Gato, 2024.

MINAYO, M.C.S.: DESLANDES, S.F. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 25^a ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007.108p.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e historico do quilombo na africa.** Revista Usp, v. dez./fe 1995/96, n. 28, p. 56-63, 1996Tradução. Disponível em:
https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_OrigemEHistoricoDoQuilomboNaAfrica.pdf. Acesso em: 25 jul. 2025.

NASCIMENTO, Abdias. **Combate ao racismo:** discursos e projetos. 6º volume. Brasilia: Câmara dos deputados, 1983.

NASCIMENTO, Elisabete. **Afroletramento docente.** 2010. Disponível em:
<https://afrocentricidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/03/afroletramento-docente-elisabete-nascimento.pdf>. Acesso em 11 nov.2025.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista** / Bárbara Carine Soares Pinheiro. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista** / Djamila Ribeiro. – 1^aed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento** / Magda Soares. – 7.ed.,6^a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2023. 192p.

